

clareza o problema, se não se conhecer o segundo e relevante traço do “modelo brasileiro de desenvolvimento”: o da desnacionalização.

A opção definida com o novo regime, em 1964 — esboçada no período de 1956 a 1961 e iniciada com a Instrução 113, em 1955 — seria pela associação ao capital estrangeiro. Essa opção ficou clara, afirmada em atos concretos de toda natureza, desde os da área política aos da área econômica e financeira. Nesta, particularmente pela legislação de garantia aos investimentos estrangeiros e de remessa de lucros. Naquela, evidentemente, pela prisão, exílio, destruição profissional de todos aqueles que pretendiam defender os interesses nacionais, apontados como criminosos da pior qualidade. O Brasil tornou-se, assim, o paraíso do capital estrangeiro e as manifestações de aplauso e de júbilo, nos meios interessados e favorecidos, foram em crescendo. Tomemos ao acaso três exemplos apenas para balizar o coro. Richard Huber, ex-presidente do First National Bank of Boston no Brasil, declararia, em Washington: “O Brasil marcha para a frente, no crescimento econômico, com uma fórmula discutida na maioria dos países da América Latina: atrair o investimento de capital estrangeiro”.<sup>117</sup> Quatro dias depois, o vice-presidente da Business International Corporation José Mestre declarava, em entrevista coletiva, em Belo Horizonte: “O Brasil está entre os cinco países de maior atração a novos investimentos em escala internacional, e é verdadeiramente o milagre econômico do mundo”.<sup>118</sup> Quatro dias depois — para adotar o ritmo de quatro em quatro — o sizudo *Times*, de Londres, ecoava, em suplemento especial, com a afirmação de que “o Brasil está quase se tornando uma meca para o capital internacional”.<sup>119</sup> Não havia razão para o restritivo *quase*. Os industriais brasileiros pensavam da mesma maneira, mas com tristeza. Falando no Senado, em maio de 1970, José Ermírio de Morais dizia: “Deste mesmo plenário, já denunciávamos em outras vezes processos semelhantes de desnacionalização. Em nosso discurso de 21 de agosto de 1968, baseados em informações da revista *Fortune*, de setembro de 1966, alertamos que, naquela época, dos 100 maiores grupos industriais do Brasil, 62 pertenciam ao capital estrangeiro”.

<sup>117</sup> “Brasil atrai investimentos estrangeiros”, in *Jornal do Brasil*, Rio, 16 de maio de 1972.

<sup>118</sup> “Huber vê o Brasil canalizando capital”, in *Jornal do Brasil*, Rio, 20 de maio de 1972.

<sup>119</sup> “*Times* diz que o Brasil está se tornando uma meca do capital estrangeiro”, in *Jornal do Brasil*, Rio, 24 de maio de 1972.